

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

# ARQUIVOS DO MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL

VOLUME VIII-IX

BELO HORIZONTE / MG / 1983-1984



## ÍNDICE

Apresentação, por .....	3
ATAS DA IIª REUNIÃO CIENTÍFICA DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA .....	
As primeiras ocupações humanas da área arqueológica de S. Raimundo Nonato ,' Piauí, por <i>Niede Guidon</i> .....	17
Nota preliminar sobre a indústria lítica da fase Terra Ronca, por <i>Alfredo A.C. M. de Souza, Iluska Simonsen &amp; Acary P. de Oliveira</i> .....	21
Arqueologia do Brejo da Madre de Deus, Pernambuco, por <i>Jeannette M. D. de Lima</i> .....	29
Análise de restos alimentares do abrigo GO JA 01, projeto Paranaíba-Serranópolis-Goiás (Resumo), por <i>Pedro I. Schmitz e André L. Jacolus</i> .....	33
Caçadores: dieta e alimentação, análise dos restos de alimentos de origem animal recolhidos nas escavações do abrigo GO-JA-01, por <i>Luiz E. Moreira</i> .....	35
As indústrias líticas e cerâmicas no Estado de Minas Gerais: dificuldades de interpretação, por <i>André Prous</i> .....	55
Adaptações marítimas no Brasil, por <i>Wesley Hurt</i> .....	61
Projeto arqueológico do litoral setentrional do Rio Grande do Sul; o sítio arqueológico de Itapeva, município de Torres, por <i>Arno A. Kern, Fernando La Salvia &amp; Guilherme Naue</i> .....	73
Notícias preliminares sobre o programa arqueológico do norte fluminense, por <i>Alfredo M. de Souza, César A. Lotufo, Joel C. de Souza &amp; Murilo O. C. de Souza</i> .....	87
A Fase Itaipu, RJ- novas considerações, por <i>Ondemar Dias e Eliana Carvalho</i> .....	95
Estudos de paleonutrição em sítios-sobre-dunas da fase Itaipu-RJ, por <i>Sheila M.F. Mendonça de Souza, Rubens S. Santos, Cristina S. Schramm &amp; Cristina C. de Miranda</i> .....	107
Sítios Cerâmicos da Bacia Paranaíba-Goiás, por <i>Iluska Simonsen, Alfredo A.C. Mendonça de Souza, Acary P. Oliveira, Sheila M.F.M. de Souza &amp; Maria A. C. M. de Souza</i> .....	121
Horticultores pré-históricos do Nordeste, por <i>Marcos Albuquerque</i> .....	131
Um sítio arqueológico Tupi-Guarani da sub-tradição pintada no sertão pernambucano, por <i>Marcos G. Lima &amp; Jacionira Silva Rocha</i> .....	135

Os pictoglifos da grotta da Buritirana, por <i>Alfredo A.C.M. de Souza, Sheila M.F. M. de Souza &amp; Maria C.L.F. Rodrigues</i> .....	143
A arte rupestre da Serra do Cabral (MG) e a ocupação humana nos abrigos da região: abordagem inicial, por <i>Paulo R. Seda, Laura P.R. Silva &amp; Rosângela Menezes</i> .....	155
A identificação das tradições rupestres no Estado de Minas Gerais: dificuldades e comparação com regiões nordestinas, por <i>Fabiano Lópes de Paula &amp; André Prous</i> .....	185
Métodos de análise mineralógica, petrográfica e físico-química aplicados ao estudo de sinalações rupestres e artefatos líticos e cerâmicos: Algumas considerações práticas, por <i>Rui Campos Perez &amp; Fabiano Lopes de Paula</i> .....	191
Aspectos ambientais e arte rupestre na área do Projeto Alto Araguaia, por <i>Maira Barberi Ribeiro</i> .....	211
Modelo arqueológico no projeto Serra Geral. Tentativas de correlações sistêmicas e ecológicas, por <i>Altair Sales Barbosa</i> .....	229
Projeto Ilha do Bananal, por <i>Altair Sales Barbosa &amp; Acary P. Oliveira</i> .....	243
Balanco da Arqueologia Brasileira - Goiás, por <i>Altair Sales Barbosa</i> .....	261
Os Índios Charrua e Minuano na antiga banda oriental do Uruguai, por <i>Ítala Irene Basile Becker</i> .....	277
A pesquisa etnoarqueológica entre os Bororo os Mato Grosso, por <i>Innhild Wüst</i> .....	285
Resumo. Pesquisas Arqueológicas no Baixo Uatumã/Jatapu (AM)- Resultados preliminares, por <i>Mário F. Simões, Conceição G. Corrêa &amp; Daniel F.F. Lopes</i> .....	297
Resumo. Pesquisas arqueológicas no Médio Rio Negro (AM) - Resultados preliminares, por <i>Mario F. Simões, Ana Lúcia da C. Machado &amp; Ana Lúcia M. Kalkmann</i> .....	299
Resumo. Pesquisa Arqueológica no Lago de Silves (AM)- Resultados preliminares, por <i>Mário Ferreira Simões &amp; Ana Lúcia da C. Machado</i> .....	301
Resumo. O sítio cerâmico de Itaguã: um sítio de contato no litoral do Estado de São Paulo, Brasil, por <i>Dorath Pinto Uchôa, Maria Cristina Mineiro Scatamachia &amp; Caio Del Rio Garcia</i> .....	303
Cronologia y Ocupacion Prehispanica en el N.E. Argentino, por <i>Maria Amanda Caggiano</i> .....	305
Traços não-métricos cranianos e distância biológica em grupos indígenas interiores e do litoral do Brasil - "Homem de Lagoa Santa", Índios Botocudos e cons-	

trutores de Sambaquis, por *Marília Carvalho de Mello e Alvim, Margaret de Carvalho Soares & Paulo Sérgio Pringsheim da Cunha* ..... 323 -

Os seios frontais em grupos indígenas brasileiros - Construtores de sambaquis e Botocudos, por *Walter Bertolazzo & Marília Carvalho de Mello e Alvim* ..... 339 -

Os esqueletos humanos da Furna do Estrago - Pernambuco, Brasil - Nota prévia, por *Marília Carvalho de Mello e Alvim e Sheila Maria Ferraz Mendonça de Souza* ..... 349 -

gia Brasileira, Dr. Pedro Igácio Schaitz.

Exposições:

1. "Estado de Arte Superior de Minas Gerais", pelo Sabor de Arqueologia da UFPA e Museu Arqueológico Franco Brasileiro;

2. "Arqueologia e História do Vale do Rio Tibagi", por Sônia Giovannini Tomazca;

3. "Estado Jaricó", por G. Marlin.

Simposios:

1) Salongo de Arqueologia Brasileira  
Coordenador: G. Dias Jr

Apresentadores:

Estado do Rio de Janeiro: G. Dias

Estado do Rio Grande do Sul: A. S. Kern  
F. J. Schmitz

Estado de São Paulo: U. P. Uchôa

Estado de Minas Gerais: A. Prova

Estado de Goiás: A. S. Barbosa

C. A. Lotefa

2) Formação de Arqueólogos

Coordenador: U. P. Manxex

Apresentadores:

U. P. Manxex

F. J. Schmitz

C. A. Lotefa

A. Prova

## HORTICULTORES PRÉ-HISTÓRICOS DO NORDESTE

Marcos Albuquerque

UFPE

Será abordado nesta comunicação apenas alguns aspectos pertinentes a ocupação pré-histórica, por grupos de horticultores do Nordeste e mais especificamente do Estado de Pernambuco.

O Laboratório de Arqueologia do Departamento de História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, com o apoio do CNPq, vem desenvolvendo intenso programa de pesquisa, com o objetivo de estudar os processos de adaptação de grupos de horticultores no Nordeste do Brasil, notadamente os de Tradição Tupiguarani.

O Estado de Pernambuco possui, grosso modo, quatro zonas fisiográficas distintas.

A faixa litorânea que é em parte recoberta por uma vegetação de Restinga, se apresenta entrecortada por numerosos cursos d'água de médio e de pequeno portes. A configuração topográfica da área associada ao baixo volume de água destes rios, permite que não apenas nos estuários, mas ainda largas porções da costa, através dos meandros, das gamboas, sejam invadidas por águas salgadas, por ocasião das marés altas. Desta mistura de águas, doce e salgada, resulta um nível de salinidade favorável, que complementado por uma situação de águas calmas, permite a instalação de vasta área recoberta pelo Domínio dos Mangues. Ainda nos dias atuais este Domínio abriga uma variada fauna de crustáceos e moluscos, além de um avifauna abundante. Sucedendo no sentido leste-oeste a faixa litorânea, está instalada a Mata Atlântica, entrecortada por rios perenes. Esta cobertura vegetal se estende paralela ao litoral, numa faixa de aproximadamente 60 km. Limitando a oeste da Mata Atlântica, o Domínio das Caatingas recobre praticamente o restante da área do Estado. O Domínio das Caatingas, com seus facies hipo e hiper xerófilo, caracteriza os Agrestes e os Sertões pernambucanos, e de resto, traduzem de forma ampla a maior porção do Nordeste oriental. Do ponto de vista da adaptação humana, observa-se uma substancial diferenciação entre o Domínio da Mata e o Domínio da Caatinga. Razão pela qual, nesta comunicação, o Domínio da Caatinga será tratado como um todo, não se estabelecendo divisões minuciosas entre o Agreste e o Sertão. Neste Domínio, todos os rios

são temporários, com exceção do São Francisco, que apenas tangencia o Estado. O sistema hidrográfico desta Região possui água apenas no curto período das chuvas, que se precipitam de forma concentrada. Nesta época, através dos rios temporários que integram o sistema do São Francisco, sobem peixes, atingindo através dos afluentes secundários e terciários, boa parte da região semi-árida.

Na região da Mata foram escavados numerosos sítios cerâmicos, na sua maioria integrantes das Tradições Tupiguarani e Aratu. Trabalhos mais recentes vêm sendo desenvolvidos no semi-árido, onde foram identificados alguns sítios de grupos ceramistas, cuja tradição tecnológica se associa a dos grupos horticultores, tradicionalmente enquadrados no modelo de "Floresta Tropical".

No início dos trabalhos na região semi-árida, quando foram localizados e escavados os primeiros sítios cerâmicos, estes em áreas periféricas à zona da Mata, supôs-se que se tratassem de grupos procedentes da região da mata que, pressionados pelos portugueses, haviam migrado para o Agreste. Esta hipótese encontrou respaldo, na época, em algumas datações recentes que se dispunha naquela ocasião. Entretanto, no decorrer dos trabalhos, não se constatou indícios de desagregação social, presumível a um grupo que, pressionado por outro de maior complexidade cultural - os portugueses -, abandonasse seu habitat, ingressando em um ecossistema profundamente diferenciado do primeiro. Numerosas aldeias escavadas demonstraram uma alta densidade demográfica, sobretudo quando comparadas com aldeias de mesma tradição ceramista, escavadas na Zona da Mata. O plano das aldeias escavadas no semi-árido, bem como os padrões tecnológicos da cerâmica, não se apresentam menos complexos que os encontrados na Zona da Mata. Conseqüentemente todos os elementos de que dispomos no momento nos levam a acreditar que os grupos da Tradição Tupiguarani, cujos vestígios foram escavados na região semi-árida, encontravam-se bastante adaptados a esta região.

Esta constatação reflete uma situação até certo ponto conflitante com o modelo de ocupação tradicionalmente descrito para os Tupiguarani. Buscando-se conciliar as evidências às formulações pré-existentes, que se baseiam no conjunto de informações até então disponíveis, desenvolveram-se duas linhas de questionamentos: a) A região ocupada pelos portadores da Tradição Tupiguarani atualmente sob condições semi-áridas, por ocasião da presença daqueles grupos, apresentavam condições mais úmidas, compatíveis

com a presença de uma floresta tropical. b) Os grupos portadores da Tradição Tupiguarani teriam desenvolvido um processo de adaptação ao semi-árido, no qual a piscosidade dos rios, a navegação, a fauna e a flora, a alta pluviosidade característica da Floresta Tropical, não constituíam-se fatores limitantes para o estabelecimento do grupo. Em consonância com a segunda hipótese, poder-se-ia supor que teria sido a mandioca e conseqüentemente a possibilidade de seu cultivo o principal ou um dos principais fatores da Tradição Tupiguarani, ao invés dos demais que apenas teriam agido de forma complementar quando da ocupação da Floresta Tropical. Considerando-se os fatores que interferem no cultivo da mandioca, e sobretudo comparando-se as condições edafo-climáticas das duas regiões como suporte à instalação desta cultura, diferentes aspectos devem ser levantados. Dentre as condições diferenciadas dos solos do semi-árido e da Zona da Mata, está o pH. Esta euforbiácea prefere solos com tendência mais básicas do que ácidas. Neste particular, os solos da região de mata, em virtude da umidade e da acelerada decomposição da matéria orgânica, possuem uma tendência mais ácida que os solos do Sertão. Esta maior acidez encontrada na Zona da Mata não impede em absoluto o cultivo da mandioca; entretanto não poderá ser considerado um fator positivo ao seu cultivo, sobretudo por dificultar a absorção de alguns nutrientes. Grande parte dos solos do Sertão entretanto apresentam tendência mais básica e oferece neste aspecto, vantagens ao cultivo da mandioca. Considerando a grande dispersão da Tradição Tupiguarani ao longo do Brasil, outro aspecto positivo oferecido pela ambiência semi-árida a um grupo mandiogueiro refere-se as condições térmicas. Em região de Floresta Sub-Tropical as mínimas de temperatura retardam consideravelmente o crescimento da mandioca, comprometendo conseqüentemente a expectativa alimentar. Na região semi-árida, as máximas de temperatura são compatíveis com as tolerâncias da mandioca permitindo o seu crescimento vegetativo e radicular. Um aspecto característico da região semi-árida que poderia ser apontado como um fator negativo para o cultivo da mandioca é a baixa precipitação e concentração pluviométrica. Ocorre que as exigências de água da mandioca são maiores apenas durante os três primeiros meses após o plantio. Superado este período as trocas efetuadas entre a parte aérea e a radicular permitem o seu desenvolvimento, suportando inclusive grandes estiagens. A altimetria da região semi-árida constitui-se em outro fator positivo para o cultivo da mandioca, pois suas co-

tas inferiores aos 1000 m, favorecem seu desenvolvimento.

Admitindo que o cultivo da mandioca na região semi-árida constituia-se o produto básico para a alimentação Tupiguarani e que este forneceria os suprimentos de hidrato de carbono, teria necessariamente que haver uma complementação protéica. Na região da Mata, recortada por uma rede fluvial perene, parte desta necessidade poderia ser suprida pela pesca. Na região semi-árida entretanto, que não oferece este recurso, salvo em um curto espaço de tempo conforme foi abordado anteriormente, a complementação protéica poderia ser obtida através da caça de uma fauna abundante capaz de suprir estas necessidades sem prejuízo do equilíbrio alimentar.

Consoante os problemas expostos pertinentes às duas hipóteses levantadas neste trabalho tem prosseguimento pesquisas paleo-climáticas além das arqueológicas com o objetivo de esclarecer os processos de adaptação adotados pelos grupos de Tradição Tupiguarani no Nordeste do Brasil, especialmente após a constatação de sua presença em áreas atualmente sob o domínio de condições semi-áridas. Indiscutivelmente seria prematuro e até leviano, no estado atual dos trabalhos se fazer qualquer afirmação categórica com relação a este processo, ficando apenas registradas as linhas gerais que norteiam estas pesquisas, além da preocupação de que seja considerada a possibilidade de revisão, pelo menos de forma parcial, no modelo de ocupação dos grupos da Tradição Tupiguarani.

Texto disponibilizado pelo site Brasil Arqueológico - Equipe do Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco - <http://www.magmarqueologia.pro.br/>

Conteúdo protegido pela lei de direitos autorais. É permitida a reprodução parcial ou total deste texto, sem alteração de seu conteúdo original, desde que seja citada a fonte e o autor.

COMO CITAR ESTA OBRA:

ALBUQUERQUE, Marcos. Horticultores pré-históricos do Nordeste. **Arquivos do Museu de História Natural**, Belo Horizonte, v. 8/9, p. 131-134, 1983/1984.